

A Goleada Inesperada e o Ressurgimento do “Complexo de Vira-Latas”¹

Christiane Bara PASCHOALINO²

Márcio de Oliveira GUERRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Trata esse trabalho da verificação do discurso utilizado pelos comentaristas esportivos de televisão após a derrota da Seleção Brasileira para a Alemanha, por 7 a 1, na semifinal da Copa do Mundo de 2014. O que se pretende é demonstrar como esses profissionais da comunicação, responsáveis pela análise de uma disputa, mudaram seu comportamento após a goleada, recorrendo, como em 1950, ao “Complexo de Vira-Latas”, expressão cunhada por Nelson Rodrigues. Mais que isso, como eles demonstraram que estavam despreparados para lidar com uma das maiores características do futebol, especialmente nesta Copa do Mundo de 2014: o inesperado. A ideia de produzir esse texto surge da perplexidade de ouvirmos o “comentarista”⁴ Walter Casagrande, ao final do jogo, dizendo que temia pela classificação do Brasil para a Copa do Mundo de 2018.

Palavras-chave: mídia; credibilidade; futebol; copa do mundo; complexo de vira-latas.

Introdução

Uma das mais fortes explicações para o fascínio do ser humano pelo futebol, para diversos autores, é o fato de ser um esporte marcado pela imprevisibilidade. A falta de uma lógica no resultado final de uma partida que reúne um grande favorito diante de uma equipe considerada inferior o torna cada dia mais apaixonante. E, por isso mesmo, um dos maiores desafios – e deveria ser uma das maiores lições e preocupações de quem assume a função – para profissionais que decidem ocupar a função de comentarista. Ao contrário de outras modalidades, o futebol reforça, a cada dia, a alcunha que recebeu de ser “uma caixinha de surpresas”.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela UFJF. Professora substituta na Faculdade de Comunicação da UFJF. Professora da Faculdade Machado Sobrinho, email: chrica@gmail.com.

³ Doutor em Comunicação pela UFRJ, Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professor associado III da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: marcio.guerra@ufjf.edu.br

⁴ Usamos a expressão entre aspas por não considerá-lo da área, portanto, indigno de receber a qualificação.

A Copa do Mundo de 2014 foi pródiga em dar uma lição a esses profissionais e fez com que muitos deles ficassem desmoralizados diante da opinião pública. Jogos decididos nos acréscimos, quando muitos já diziam que o jogo iria para a prorrogação ou pênaltis; expectativas de desempenhos de seleções que simplesmente fracassaram já na primeira fase. Entre muitas dessas, a da própria final. Segundos antes do gol do título alemão, o “comentarista”⁵ Júnior, da TV Globo, anunciava que fatalmente a copa seria decidida nos pênaltis e, em meio a sua fala, saiu o gol.

O desempenho da mídia brasileira na competição merece diversas análises sob o ponto de vista da apuração, da postura, mas queremos nos ater ao desempenho dos comentaristas, carecendo, futuramente, um trabalho mais detalhado ainda sobre o tema, já que os dados contidos neste artigo são os coletados ainda sob o impacto do mundial no Brasil. Desde o início dos preparativos da Seleção Brasileira para a disputa desta Copa do Mundo, após a conquista no ano passado da Copa das Confederações, o treinador Luiz Felipe Scolari anunciou a sua “máxima” para essa competição: “um degrau de cada vez”.

E lá foram nossos comentaristas seguindo essa linha de raciocínio. Vamos nos ater ao jogo Brasil e Alemanha, mas, neste início de reflexão, devemos lembrar que, na disputa da Copa das Confederações, a conduta de colunistas de jornais seguiu o processo inverso do que percebemos na Copa do Mundo. Lá eles começaram com total desconfiança sobre a Seleção Brasileira (“Complexo de Vira-Latas”) e, ao final, retomaram o discurso da “Pátria de Chuteiras”.

Também é importante lembrarmos que, em um momento considerado raro na história da Seleção Brasileira, a convocação feita pelo treinador Felipão quase não recebeu restrições da mídia. E os “degraus” começaram a ser subidos com o apoio da mídia, que “vestiu a camisa” da pátria e apostou no hexacampeonato.

“Complexo de Vira-Latas” e “Pátria de Chuteiras”

Após a derrota do Brasil por 7 a 1 no jogo contra a Alemanha, na disputa por uma vaga na final da Copa, o discurso, não apenas o midiático, mas também da maioria dos torcedores mudou drasticamente. Desde a Copa de 50, a expressão “Complexo de Vira-Latas” nunca havia sido tão utilizada. Tornou-se, inclusive, popular sendo empregada em

⁵ Mesma justificativa das aspas referentes a Walter Casagrande, na página anterior.

todos os meios de comunicação, desde os tradicionais até os novos veículos online, principalmente as redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*.

Antes de entrarmos propriamente nos termos cunhados por Nelson Rodrigues, é importante contextualizarmos o período histórico que originou as expressões “Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas”.

Em virtude da segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo não era disputada há doze anos. O Brasil vivia um regime democrático desde 1945, mas enfrentava graves problemas, como as condições de distribuição de renda, o alto índice de analfabetismo, a situação precária na saúde e nas condições sanitárias. Portanto, sediar uma Copa do Mundo seria uma oportunidade de melhorar a imagem do Brasil e despertar a autoestima do brasileiro. Até mesmo no campo esportivo, o povo não tinha motivo de orgulho já que em Copas do Mundo e Campeonatos Sul-Americanos anteriores a Seleção já acumulava fracassos.

A história da Copa do Mundo de 1950 é conhecida com a Seleção tendo um excelente desempenho durante a competição, sendo derrotada, de forma surpreendente, pelo Uruguai, por 2 a 1. Carrilho (2010, p.50) comenta que “negro, Barbosa, foi alvo de muitos comentários de conteúdo racista. Coincidência ou não, foi somente em 2006, após 56 anos da derrota do Maracanã, que a Seleção voltou a ter um goleiro negro como titular em uma Copa do Mundo”.

Diante disso, o autor trabalha com dois aspectos: um de que “esse fenômeno se deve ao fato de o negro, elemento marcante do futebol varzeano, demonstrar maior habilidade com os pés, restando ao branco, assim ocupar a desvalorizada posição de arqueiro [...]” (CARRILHO, 2010, p.51). O outro vai diretamente ao problema racial, tratando o caso como um racismo explícito.

O sentimento de inferioridade existente no povo brasileiro – potencializado pela questão da diversidade racial mal resolvida–, que o escritor Nelson Rodrigues denominou de ‘complexo de vira-latas’ somente foi superado, no futebol, com a conquista da Copa de 58, na Suécia. Com um time inesquecível que tinha brancos, negros e mulatos de muito talento com Zito, Didi, Pelé, Garrincha e Nilton Santos, a seleção brasileira encantou o mundo. (CARRILHO, 2010, p. 51).

Marques (2003) afirma que o “Complexo de Vira-Latas” teria se cristalizado com a perda da Copa de 1950, que significou uma catástrofe nacional. “Cada um de nós pagou todos os seus pecados nas últimas 45 encarnações. É o que explica o servilismo colonial do brasileiro que adora ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa

inversão do chamado ufanismo” (RODRIGUES, 1993, p.30 apud MARQUES, 2003, p.160).

Mas como o próprio Nelson definia a expressão “Complexo de Vira-Latas”? “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face ao resto do mundo. Isso em todos os setores, sobretudo no futebol” (RODRIGUES, 1993, p.52).

Em outra crônica, encontramos mais uma manifestação de Nelson Rodrigues sobre o “Complexo de Vira-Latas”:

Eu me lembro daquele personagem do Dickens que vivia clamando pelas esquinas: - ‘Eu sou humilde! Eu sou humilde! Eu sou o mais humilde do mundo’. [...] Pois bem: - o brasileiro tem um pouco de personagem de Dickens. Eu disse ‘um pouco’ e já amplo – tem muito. Se examinarmos a nossa história individual e coletiva, esbarramos, a cada passo, com exemplos inequívocos e indelévels de humildade. Por exemplo: - a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas europeias. Foi algo patético. [...] De qualquer maneira, não se podia desejar uma humildade mais compacta e mais refalsada. [...] E, assim, imersos até o pescoço numa vil modéstia, lá partiram nossos craques para aprender na Europa. Mas já não constituíram uma equipe briosa, entusiasta, segura de si mesma e dos próprios méritos. [...] Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bom. (RODRIGUES, 1994, p. 17-18).

Nelson Rodrigues sempre demonstrou um patriotismo exacerbado e, em várias crônicas, deixava isso muito claro: “Ante as riquezas do mundo, cada um de nós é um retirante de Portinari, que lambe a sua rapadura ou coça a sua sarna. A humildade tem sentido para os cézares industriais dos Estados Unidos. Já o pau-de-arara precisa inversamente de mania de grandeza”. (RODRIGUES, 1993, p.111).

Com a conquista do primeiro título mundial pela Seleção Brasileira em 1958, o sentimento de brasilidade se intensifica. O Brasil era governado por Juscelino Kubitschek, havia um otimismo pelo crescimento econômico e pela construção de Brasília. Existia um crescente interesse pela cultura, a produção industrial cresceu 80% entre 1956 e 1961, graças à instalação de empresas multinacionais automobilísticas, farmacêuticas, eletrônicas e petroquímicas.

Mesmo vindo de novo o fracasso na Copa de 54, na Suíça, a Seleção Brasileira, antes da Copa de 58, mereceu de Nelson Rodrigues uma crônica em que ele prenunciava a transformação em “Pátria de Chuteiras”.

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 a 1. E custa crer que um score tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota [...]. A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’[...]. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-lata e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisara de dez para segurar. (RODRIGUES, 1993, p.51-52).

Wisnik (2008) também faz referência às crônicas de Nelson Rodrigues antes do Mundial de 58. “Na sua análise, o brasileiro é – ou tornou-se – um narciso às avessas que cospe na própria imagem, por uma orgulhosa e pusilânime precaução contra o medo de sofrer” (WISNIK, 2008, p.268). O autor chama atenção para a insistência de Nelson no combate ao pessimismo que, segundo ele, prejudicava o Brasil dentro e fora de campo.

Se vence de cinco [...] o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Mas se vence o campeonato com folga, como mostrará a experiência, então sempre fomos e seremos eternamente os melhores até o próximo e magro 1 a 0 quando reinicia o círculo vicioso. O quadrúpede de 28 patas que fazia o brasileiro descrever cronicamente das próprias potencialidades. (WISNIK, 2008, p. 268).

Nelson Rodrigues sempre chamou a Seleção Brasileira de “escrete” e, diante do significado que ele sempre identificou do futebol com o brasileiro, a considerou como pátria.

O escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem nas janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo? (RODRIGUES, 1993, p.152).

Em outra crônica de Nelson Rodrigues, encontramos o reforço da ideia do jornalista sobre a Seleção Brasileira como uma “Pátria de Chuteiras”. Nela, Nelson fala sobre o fracasso na Copa de 50, elogia o brasileiro como jogador, mas o critica como homem.

Amigos, vocês se lembram da vergonha de 50. Foi uma humilhação pior que a de Canudos [...] não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas. Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosar por todas as esquinas e por todos os botecos do continente o seguinte júízo final sobre nós – o brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem. (RODRIGUES, 1993, p.103).

DaMatta (1990, p.102) também faz esta relação da Seleção com o Brasil ressaltando a importância do futebol. “Tal como ocorre com um jogo do selecionado brasileiro (que nos permite sentir nossa continuidade enquanto grupo), onde vemos, sentimos, gritamos e falamos como Brasil no imenso artilheiro reificador que é o jogo de futebol”.

Diante disso, o autor aponta o grande dilema do nosso torcedor e acrescenta que, também, talvez venha a interferir na própria conduta da imprensa esportiva: como lidar com vitórias e derrotas, principalmente esta última?

Surge, então, o problema cósmico do futebol no Brasil. Como admitir que perder e ganhar fazem parte da própria estrutura desse jogo, se nós – em princípio – não vemos na palavra jogo a possibilidade de derrota? A agonia e o prazer do futebol estão ligados precisamente a essa possibilidade, mas isso é afastado do nosso consciente. Quando vamos ao jogo, vamos à vitória e há motivos para isso. [...] o futebol foi o primeiro elemento extraordinariamente positivo de uma autovisão que era permanentemente negativa. Como imaginar que um povo convencido de sua inferioridade natural como atrasado porque era mestiço pudesse disputar (e vencer) os brancos “adiantados” e “puros” que inventaram a civilização e o futebol? (DAMATTA, 2013, p.21).

Retomando Nelson Rodrigues, seus críticos e admiradores sempre destacaram a forma dramática e exagerada com que ele tratava os diversos temas em suas crônicas. Com o futebol, não era diferente e não foram poucos os momentos em que, chamado a opinar sobre política, cultura ou economia, colocava o futebol como pano de fundo. Foi o caso de quando ele foi convidado para falar sobre a marcha dos cem mil, no Rio de Janeiro.

Não havia ali, um único e escasso preto e nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça-de-bagre. Em épocas de Copa do Mundo, porém todos os operários, os favelados, os barnabés, lembram-se do Brasil. À exceção daqueles que acham o futebol o ópio do povo (permito-me aqui utilizar a frase feita), a maioria dos brasileiros se junta em torno da seleção. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas. (RODRIGUES, 1993, p.181).

Vaz (2002), ao estudar a obra de Roberto DaMatta, nos mostra que esse conceito de “ópio do povo” foi fortemente combatido pelo antropólogo, que considera o futebol como um “drama de justiça social” e vai mais além ao dizer que qualificar o futebol dessa maneira é desqualificar as massas tratando-as como ignorantes. Portanto, o futebol não seria um fenômeno de alienação e sim um espaço de reconhecimento do próprio brasileiro.

[...] se continuarmos a insistir que o futebol é um instrumento de mistificação das massas ignoras que deveriam estar indo ao teatro, lendo romances ou discutindo política, estaremos apenas repetindo uma fórmula elitista e deixando de lado a possibilidade de estudar as implicações do futebol na sociedade brasileira. (DAMATTA, 1986, p.90 apud VAZ, 2002, p.150).

Em um artigo intitulado “Futebol e política”, publicado no jornal “O Globo”, no dia 27 de junho de 2013, o sociólogo Ronaldo Helal também apresenta argumentos que vão ao encontro dos pensamentos dos autores que discordam que o futebol seja o “ópio do povo”:

O futebol alienaria o povo tanto quanto as novelas, o chope com os amigos e até mesmo o sexo. Nestas atividades nos distraímos – desviamos nossa atenção – e não nos preocupamos com outras questões. Isto não significa necessariamente que estamos narcotizados por elas. (HELAL, 2013, p. 21).

As conquistas das Copas do Mundo de 58 e 62 deram a Nelson Rodrigues um reforço significativo nos argumentos de que estávamos cada vez mais nos consolidando como “Pátria de Chuteiras”. Mas ele não se iludia e sabia (como poderemos perceber mais à frente neste trabalho) que o “Complexo de Vira-Latas” poderia voltar a qualquer momento. Após a derrota na Copa de 1966, na Inglaterra, quando se sonhava como o tricampeonato mundial, Nelson escreve a seguinte crônica:

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro um vira-lata entre os homens [...]. Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E, súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: o colega babava na gravata. E o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo, quando descobri que todos, no coletivo, faziam o mesmo. Percebi tudo – perda a Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Antes do bom dia disse-me ele: - “voltamos a ser vira-latas”. (RODRIGUES, 1994, p.122).

Passados 48 anos e com a conquista de mais três Mundiais (1970, 1994 e 2002), a Seleção Brasileira desperta nos torcedores e na mídia sentimentos constantemente alternados que vão do “Complexo de Vira-latas” à “Pátria de Chuteiras” de acordo com os resultados nas competições. Foi o que percebemos, após a derrota do Brasil para a Alemanha. A mídia, abruptamente, mudou seu discurso de “Pátria de Chuteiras” para “Complexo de Vira-Latas”, trazendo à tona todos os sentimentos definidos por Nelson Rodrigues na Copa de 1950, quando o Brasil perdeu “dentro de casa”.

A Mudança de Discurso

Com o intuito de demonstrarmos a transformação do discurso midiático de “Pátria de Chuteiras” para “Complexo de Vira-Latas”, optamos por analisar a transmissão do jogo

entre Brasil e Alemanha pelas emissoras SporTV e TV Globo em três momentos distintos: antes, durante e depois da partida.

SporTV: antes do jogo

A cobertura da emissora, na parte da tarde, começou com o programa “Redação SporTV”, que contou com a participação da correspondente alemã Solveig Flörke e do brasileiro Charles Gavin. Debateram sobre favoritismo e, embora elogiassem a Seleção Alemã, lembraram que “os alemães não conquistaram nenhum título expressivo”. O apresentador Roby Porto perguntou se, em caso de derrota, ainda os brasileiros vão pensar que isso significa ser o último. Todos defenderam que é preciso mudar esse pensamento, mas, logo em seguida, lembraram que o Brasil joga melhor contra grandes times.

A jornalista alemã falou sobre uma reportagem que fez com os torcedores brasileiros sobre a ausência de Neymar e se surpreendeu com o discurso de que, com o sofrimento, nós nos fortalecemos. Ela disse, ainda, que a escalação de Dante no lugar de Thiago Silva era favorável ao Brasil já que ele conhecia o ataque alemão. A ausência de Neymar foi o tema principal e, inúmeras vezes, foi repetida a expressão “jogar por Neymar”. A sonora de Felipão também foi incluída nesse tema: “Neymar fez a parte dele, agora é a nossa vez. Não podemos nos esquecer de que esse time alemão está com a mesma base há seis anos”.

No programa também foi falado sobre o número excessivo de faltas cometidas pela Seleção Brasileira e surgiu, inevitavelmente, a pergunta: onde está o futebol bonito, o futebol-arte do Brasil? Em sequência, vieram as comparações com as seleções de 70 e 82. Foi apresentada a estatística dos confrontos entre as duas equipes com ampla vantagem para o Brasil. A correspondente alemã comentou sobre o texto que produziu para o seu país falando da mudança do discurso da mídia brasileira sobre a Copa do Mundo: “a imprensa brasileira dizia que tudo iria dar errado em termos de organização e o que vimos foi o contrário. Sem problemas nos aeroportos, sem violência e, se não foi tudo exatamente dentro do ‘padrão FIFA’, foi porque não podia faltar o jeitinho brasileiro que deu o toque de Brasil na competição”. Roby Porto lembrou de uma reportagem do jornal britânico “*Financial Times*” com o título “O Brasil já Venceu”.

Ainda antes do jogo, Porto disse que Fred desencantaria nessa partida. A emissora apresentou o resultado de uma pesquisa realizada com os telespectadores na qual 69%

apostavam no Brasil, 19% na Alemanha e 12% no empate. A essa altura, os comentaristas, no Mineirão, davam seus palpites. Belletti apostou em 3 a 0 para o Brasil e Ricardo Rocha 1 a 0. Sobre o substituto de Neymar, os dois achavam que a indicação de Bernard seria a melhor opção e Belletti afirmou que gostaria que Klose jogasse pela Alemanha porque facilitaria o jogo brasileiro.

Depois foi mostrada a saída da Seleção Brasileira para o estádio com os jogadores e comissão técnica usando bonés com a inscrição “Força Neymar”. O jornalista Lédio Carmona, comentarista oficial da emissora, após a exibição de mensagem gravada por Neymar, disse que o jogador é referência e se deixou trair dizendo: “acho que domingo, no Maracanã, ele deveria entrar com o time em campo”. O narrador Luiz Carlos Júnior lembrou que Bélgica e França formaram uma equipe para daqui a quatro anos e o Brasil também. Lédio concordou plenamente e disse que esses jogadores estarão em 2018 na copa.

Tão logo foi confirmada a escalação de Bernard, os “comentaristas” Belletti e Ricardo Rocha disseram que a escolha foi acertada porque, assim, seria mantido o esquema tático. Lédio Carmona lembrou que tinha acertado, pois, na véspera, havia dito que, se ele fosse o treinador, escalaria Bernard.

SporTV: durante e depois do jogo

Logo no primeiro minuto, o narrador Luiz Carlos Júnior lembrou que, em 1962, no Chile, Amarildo substituiu Pelé com a camisa 20, a mesma que Bernard estava usando para entrar no lugar de Neymar. Depois de cinco minutos de jogo, eram muitos os elogios à Seleção. “Um bom início, a Seleção joga com um time compacto”, afirmou Lédio. Depois de 1 a 0 para a Alemanha, o comentarista disse: “o Brasil está errando muitos passes”. Com 3 a 0, “o Brasil está perdido em campo”. No intervalo, com o placar de 5 a 0, Luiz Carlos Júnior declarou: “quando você pensa que já viu de tudo no futebol, surge o inesperado. É uma derrota mais traumática do que na Copa de 50”. Ricardo Rocha afirmou: “É uma humilhação tática, física e técnica. Eu tinha falado antes do jogo”.

Depois do sexto gol, Luiz Carlos Júnior disse que parecia um jogo-treino dos alemães contra um time da segunda divisão brasileira. Terminada a partida com o placar de 7 a 1, além do registro de ser a maior derrota da história do futebol brasileiro, todos os comentaristas criticaram as escolhas feitas por Felipão. Esse discurso persistiu na mesa

redonda pós-jogo da emissora com outro comentarista, Carlos Eduardo Lino, dizendo que “o time entrou com o meio-campo muito aberto, disperso e que as opções técnicas do treinador foram erradas”. Novamente, a Copa de 50 foi lembrada e Belletti afirmou que o grande erro foi a Seleção ter jogado com uma defesa, que nunca atuou junta, contra um ataque que se conhece. “O erro foi esse, falta de entrosamento da nossa defesa”. Daí em diante, só se discutiu sobre mudanças em um discurso pautado pelo pessimismo em relação ao futebol brasileiro.

TV Globo: antes do jogo

No primeiro programa informativo da emissora, o “Bom Dia Brasil”, foram vários os elogios ao treinador Luiz Felipe Scolari, a começar pelo repórter Tino Marcos que disse que Felipão estava tranquilo e isso era um bom sinal. Foram repetidas as sonoras do técnico da Seleção sobre a ausência de Neymar e a necessidade de o time jogar por ele e sobre a qualidade da Alemanha, que vinha se preparando há seis anos para a Copa. Também foi destacado o treinamento realizado por Felipão e, quando apresentaram uma matéria sobre a tradição de as duas seleções chegarem às finais, foi ressaltada a experiência do técnico brasileiro. Roger Flores, “comentarista”, analisou o treino do dia anterior e falou das opções para a substituição de Neymar. Defendeu a escalação de Luiz Gustavo ou Willian e disse que Bernard seria opção para o segundo tempo.

Ainda durante a programação da manhã, Ana Maria Braga apresentou uma reportagem chamando a atenção para a inscrição que foi colocada no avião da Seleção que levou o time a Brasília: #é tóis, expressão utilizada por Neymar. Já no programa “Encontro com Fátima Bernardes”, foi realizada uma entrevista com o sócio de Felipão pedindo que ele definisse quem seria o substituto do atacante brasileiro e ele indicou Willian.

Na cobertura da tarde, Alex Escobar, Tiago Leifert, Caio Ribeiro e Roger Flores continuaram a discussão sobre o substituto de Neymar. O repórter Tino Marcos, chamado para opinar, já que cobriu o dia-a-dia da Seleção, disse que a tendência era a entrada de Willian ou Paulinho. Renato Ribeiro, repórter que acompanhou a Alemanha, falou das dúvidas do treinador alemão, especialmente em relação ao atacante Klose, e declarou que o jogo virou uma disputa entre treinadores. O “comentarista” Caio Ribeiro afirmou que a

Alemanha é um time que dá muito espaço e que, se Bernard fosse escalado, seria uma surpresa, mas que o Brasil poderia se aproveitar da fragilidade do lateral alemão.

Importante destacar o comentário do repórter Tino Marcos que falou que a comissão técnica brasileira fez treinos abertos, um diferencial em relação à Copa anterior, e que também avaliou muito bem o desgaste do time após cada jogo. “Parecia uma Seleção preguiçosa, que abriu mão de treinar, mas o resultado foi bom porque os jogadores foram preservados”. Renato Ribeiro, por sua vez, falou que os alemães, apesar de simpáticos, só permitiram que a imprensa visse a seleção treinar uma vez. Caio disse que o jogo contra a Alemanha seria mais difícil do que a final.

Tão logo a transmissão passou a ser comandada por Galvão Bueno, direto do Mineirão, ouviu-se do “comentarista” Walter Casagrande a expressão “muito confiante”, acompanhada do analista de arbitragem Arnaldo César Coelho com um “sempre otimista” em relação ao desempenho da Seleção Brasileira. Renato Ribeiro destacou que o técnico alemão vinha sendo massacrado pela imprensa, que questionava suas escalasções. Na cobertura da Globo, também foi tocado no assunto do número de faltas cometidas pela Seleção Brasileira. Casagrande disse que isso só aconteceu porque, nos jogos anteriores, o Brasil perdeu muito o seu meio-de-campo, mas que todas as seleções estavam jogando duro.

Também foi discutido o nome de quem deveria substituir Neymar. Casagrande apostou em Ramires e Galvão e Ronaldo defenderam a escalação de Paulinho. O narrador ainda disse que Felipão estava certo em esconder a definição e Ronaldo concordou com o suspense dizendo que a Seleção estava muito unida e pronta para vencer. Tão logo Tino Marcos confirmou o nome de Bernard e Renato Ribeiro o de Klose, Roger Flores elogiou a escolha dizendo que, assim, a Seleção não muda o jeito de jogar e, também, corrigiria a posição de Oscar, que estava jogando sacrificado. Tiago Leifert afirmou: “Felipão ousado. A escalação de Bernard é uma grande notícia”.

Casagrande reforçou a necessidade de o time jogar com o meio-campo congestionado, sem dar espaços para a Alemanha. Disse, ainda, que estava confiante na atuação de Fred. Ronaldo, como “comentarista”, falou que a Alemanha tem um grande time, montado com a base no Bayern, e que a escalação da Seleção Brasileira mostrava que o time iria jogar por Neymar. Também analisou as travas das chuteiras de Fred e falou que a escalação de Dante, no lugar de Thiago Silva, era boa para o Brasil já que ele conhecia os alemães.

TV Globo: durante e depois do jogo

Com cinco minutos de jogo, Galvão Bueno já tinha afirmado que Bernard iria “arrebentar” e que Felipão tinha mudado o jeito do Brasil jogar marcando por pressão os alemães: “a arma é essa”. Após o primeiro gol da Alemanha, todos culpavam a defesa, sendo que Ronaldo chamou de “erro infantil” de David Luiz, mas foi interrompido por Galvão Bueno dizendo que a Seleção tinha tempo para se recuperar. Depois do segundo gol, Galvão culpou a defesa e Casagrande falou sobre os erros do meio-campo.

Veio o terceiro gol e o narrador afirmou: “o time perdeu o controle do jogo. Nem o mais pessimista dos brasileiros poderia imaginar isso. O nosso meio-campo não existe”. Depois do quarto gol, Casagrande disse que achava que a Seleção teria três jogadores para proteger o meio-campo e Ronaldo ressaltou que a escolha do Felipão não foi certa e que ele não via explicação para o que estava acontecendo. Ao tomar o quinto gol, Galvão mal gritou para anunciar “caminhamos para o maior vexame da história do futebol brasileiro. Parece um treino de uma Seleção contra um time de meninos”. Ronaldo e Casagrande, visivelmente transtornados, pediam mudanças no time, ainda no primeiro tempo.

Antes do intervalo, o narrador disse que, quando se erra de forma tão evidente, é preciso mudar. Ao mesmo tempo, foi lembrado que a Alemanha teve dificuldades em todos os jogos anteriores, contra times mais fracos, e, exceto contra Portugal, quando venceu por 4 a 0, não tinha feito nenhuma grande atuação. Durante o intervalo, surge, pela primeira vez, a expressão “apagão”. Galvão a utilizou para tentar qualificar o que aconteceu com a Seleção tomando quatro gols em apenas seis minutos. Casagrande mudou o seu discurso de antes do jogo dizendo que “nossa equipe não é tudo isso”. Ronaldo, que havia elogiado a escalação antes do jogo, disse que “tudo começou com o erro na formação tática”.

Iniciado o segundo tempo, a atitude do treinador de reforçar o meio-campo foi elogiada. Até os 20 minutos, o Brasil perdeu grandes chances de gol e tinha 55% de posse de bola. Aos 24 minutos, veio o sexto gol, acompanhado da expressão do narrador: “Bernard não entrou bem”. Casagrande disse: “o Brasil não fez uma boa copa. Os alemães foram melhores do que nós a copa toda”. Ronaldo concordou, afirmando: “não fizemos uma boa copa” e Tino Marcos lembrou que, há doze anos, o Brasil não perdia uma partida em território nacional.

Com o sétimo gol, Casagrande disse que a Seleção Brasileira era um time normal e que Felipão tinha o direito de errar. Galvão comentou que o segundo tempo vinha sendo

mais normal dentro do que se espera em um confronto equilibrado entre Brasil e Alemanha. Disse ainda que Felipão deveria ter tido humildade para fechar o time desde o começo do jogo. Nos minutos finais, Casagrande afirmou que, diante do que estava vendo, temia pela não classificação do Brasil para a Copa de 2018, na Rússia.

Terminado o jogo, foi elogiada a atitude de Felipão de ir abraçar um a um os jogadores e assumir a responsabilidade pela derrota. O tempo todo Galvão pedia tranquilidade aos brasileiros dizendo se tratar apenas de uma partida de futebol. Esse clima “amistoso” acabaria, a seguir, com críticas que trataram de “arrogância do treinador do Brasil”, “da falta de treinamento da Seleção”, “do erro de escalar uma defesa que não estava entrosada”, “que o futebol brasileiro estava ultrapassado em relação ao europeu”, “da necessidade de termos um treinador estrangeiro” e “de mudanças na CBF e em toda a estrutura do futebol brasileiro”.

Considerações Finais

Um dos mais importantes aspectos do jornalismo configura-se na credibilidade e ela é, cada vez mais, cobrada pelo público diante de tantos recursos que podem constatar quando houve erro, seja na apuração, análise ou contextualização de uma notícia. A cobertura da Copa do Mundo de 2014 pela imprensa brasileira ainda merece análise profunda. Nessa primeira pesquisa empírica, procuramos mostrar o quanto é frágil o limite entre dois extremos tão bem identificados por Nelson Rodrigues que são o “Complexo de Vira-Latas” e a “Pátria de Chuteiras”.

A decupagem da cobertura da transmissão da partida entre Brasil e Alemanha das duas emissoras analisadas comprova o quanto a credibilidade dos profissionais da comunicação e dos veículos corre sério risco de ser questionada por quem fica atento ao discurso e suas mudanças ao sabor do resultado. Como explicar os elogios, quase unânimes, antes do jogo pela decisão do técnico do Brasil de escalar o substituto de Neymar e já, durante o jogo, com a goleada, as afirmações categóricas de que Felipão tinha errado?

Podemos apontar, conforme o texto, inúmeras incoerências e erros dos profissionais envolvidos na transmissão. As críticas que vieram pós-jogo, em momento algum haviam sido feitas antes do jogo e nas partidas disputadas e vencidas pela Seleção. A remissão da memória ao fracasso da Copa de 50 seria inevitável. A busca de culpados também. O discurso pessimista ressurgiu com a mesma intensidade do Maracanazo e, estivesse vivo,

Nelson Rodrigues ficaria horrorizado com o “Complexo de Vira-Latas” revivido e reforçado em toda sua plenitude.

Ainda recorrendo ao cronista, todos os jornalistas esportivos sabem que o placar de 7 a 1 seria qualificado como obra do “sobrenatural de Almeida”. E, diante dele, como explicar aos telespectadores que a opinião antes do jogo, carregada do sentimento de patriotismo, otimismo e, às vezes, certeza de vitória tinha se configurado como justamente o oposto? Se faltou humildade ao técnico brasileiro, segundo os seus críticos, para não escalar um time fechado diante da seleção alemã, o mesmo ingrediente faltou aos jornalistas e “comentaristas” para, ao final da transmissão, assumirem que erraram em suas análises e projeções.

No dia seguinte à derrota, além da decepção, das críticas e da busca de uma explicação, não foram poucos os brasileiros que questionavam o desempenho, fora de campo, da mídia brasileira, que se colocou crítica somente depois da derrota. Antes da eliminação do Brasil, calçou as chuteiras da pátria e subiu degrau a degrau junto com o técnico e a Seleção. Na única derrota, foram tomados por um complexo de inferioridade em que ficou fácil “atirar pedra em cachorro morto”.

Essa inconstância no comportamento da mídia brasileira já foi demonstrada na Copa das Confederações em 2013, só que de maneira oposta ao que ocorreu agora. Naquela ocasião, os jornalistas esportivos não acreditavam na Seleção, mas, quando a equipe chegou à final e sagrou-se campeã, o discurso mudou: do “Complexo de Vira-Latas” a mídia demonstrou aos brasileiros o sentimento de orgulho de ser a “Pátria de Chuteiras”. O processo inverso se deu agora: os dois extremos não são bons para a informação.

REFERÊNCIAS

CARRILHO, F. D. **Futebol uma janela para o Brasil**: as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. São Paulo: Nova Espiral, 2010.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

_____. **Como não perder no futebol?** O Globo, 12 jun. 2013, p. 21.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HELAL, R. **Passes e Impasses:** futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Futebol e Política.** O Globo, Rio de Janeiro, 27 jun. 2013, p. 21.

MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues.** São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A pátria em chuteiras:** novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VAZ, A. F. DaMatta: **o futebol como drama e mitologia.** In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs.). *Esporte: história e sociedade.* Campinas: Autores Associados, 2002. p. 139-164.

WISNIK, J. M. **Veneno Remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.